

O ARQUITETO PAULISTA **ISAY WEINFELD** COMPLETA 40 ANOS DE CARREIRA E PROPÕE REFLEXÕES SOBRE SEU TRABALHO NUMA EXPOSIÇÃO REALIZADA EM **NOVA YORK**

O BERÇO E O CAIXÃO DE MADEIRA

ISABEL DE LUCA
ideluca@oglobo.com.br
-NOVA YORK-

Uma sala toda preta exibe um berço. Na outra, exageradamente iluminada, jaz um caixão. Bem-vindos à exposição "A-Z", que comemora (ou deveria comemorar) os 40 anos de carreira do arquiteto paulista Isay Weinfeld, em Nova York.

Em vez de montar uma retrospectiva com desenhos, fotos e maquetes, como é comum quando chegam essas datas — sobretudo tratando-se da trajetória de um dos mais premiados arquitetos em atividade no Brasil —, ele resolveu expor uma reflexão sobre o seu papel. De uma forma que não poderia ser mais a sua cara.

— Não gosto dessas grandes celebrações, parece que quero me exibir, e isso é tudo o que eu não fiz a vida toda: estou sempre discreto, num cantinho, esperando o telefone tocar — diz ele pouco antes da abertura, terça-feira, na galeria Espasso, em TriBeCa. — Sempre vi a arquitetura como um trabalho completo. Não consigo pegar um edifício e não fazer os interiores, ou fazer os interiores de um edifício de outra pessoa. Meu escritório é muito detalhista, desenhamos do botão da campainha ao prédio inteiro. O menu do restaurante, o copo, isso tudo que para boa parte dos profissionais talvez seja irrelevante, para mim é o mais importante. O somatório de milhões de itens faz com que o trabalho tenha uma força maior. Aqui é uma mostra disso: meu papel foi desenhado desde o berço até o caixão.

Isay também antecipa, na exposição, a retomada de uma antiga paixão: um telão exibe filmes que ele começa a lançar em dezembro, na forma de aplicativos. São como "espiadas" de cerca de um minuto em 80 projetos, a maioria em São Paulo: uma praça, uma livraria da Vila, uma capela no interior do estado, a Forneria San Paolo, a loja Forum da Oscar Freire, uma casa que guarda uma coleção de arte, o Hotel Fasano Boa Vista, o pavilhão contemporâneo de uma fazenda colonial, o prédio na Vila Madalena onde fica o seu escritório, que emprega 25 arquitetos.

— É só uma olhada, com um movimento de câmera que acho propício para o trabalho, e



ISAY WEINFELD: "É ilimitada a minha ânsia de conhecer coisas"

HELENA WOLFENSON



O CAIXÃO na sala de paredes brancas: em exibição



O BERÇO na sala de paredes negras: na mostra

FOTOS DE ELISEU CAVALCANTE



HOTEL FASANO Las Piedras, em Punta del Este

REPRODUÇÃO

acabou — descreve ele, que escolheu uma música para cada curta e entregou a marca ao diretor de arte Giovanni Bianco, um grande amigo.

Autor de boa parte dos projetos residenciais e comerciais mais elegantes do país, Isay chegou a pensar em se dedicar ao cinema, atividade em que despontou durante o boom do super-8 no Brasil, nos anos 1970. Autor de 14 curtas — sempre em parceria com o também arquiteto Marcio Kogan —, todos breves como os de agora, ele chamou a atenção com suas inteligentes críticas aos costumes da sociedade através do humor. Um deles, "Paixão maldita", mostra Dina Sfat sentada num sofá, enquanto ele pergunta, em off: "Dina, eu estou começando, sou desconhecido, e preciso de um grande nome para dar uma força a esse curta-metragem. Você topa?" Os créditos sobem antes de a atriz, na época a grande estrela da novela das oito, sequer responder alguma coisa.

Ele ainda fez um curta em 35mm — "Idos com o vento..." que ganhou os festivais de Gramado e Huelva — e um longa, "Fogo e paixão", premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Culi desde sempre, o filme acaba de encerrar a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo,

onde estreou há 25 anos. Trata-se de uma excursão turística de ônibus por um lugar não identificado: os atores principais eram integrantes do grupo de teatro underground Pod Minoga, do diretor Naum Alves de Souza, enquanto nomes como Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Tônia Carrero, Regina Casé, Rita Lee, Roberto de Carvalho, Fernanda Torres e Giulia Gam faziam pequenas pontas.

— "Fogo e paixão" foi eleito na Suíça uma das melhores comédias do mundo inteiro em 1987. A "Folha de São Paulo" disse que era o melhor filme brasileiro do ano, e ainda publicou artigos do Babenco e do Caetano falando maravilhas. Era muito diferente do que se fazia no Brasil na época. Mas foi o último filme que eu fiz, porque aí minha carreira de arquitetura deslançou — lembra Isay.

Nada impediu que ele continuasse flertando com outras artes: o arquiteto fez — e faz — cenografias de peças, exposições e shows, que também dirigiu (Marina Lima, Ná Ozetti). Ainda deu aulas nas universidades Faap e Mackenzie, participou da Bienal de São Paulo de 2002 e cuidou do projeto expográfico da edição seguinte da mostra, em 2004. ●

A VOLTA DO BRASIL AO TOPO DA ARQUITETURA

SEM FALSA MODÉSTIA, ELE CREDITA SUCESSO MUNDIAL À INTERNET

“Sou muito curioso, é ilimitada a minha ânsia de conhecer coisas. Música e cinema, sobretudo, são grandes influências no meu trabalho como arquiteto — comenta ele, que é íntimo de Thom Yorke, do Radiohead.

Aos 61 anos, Isay já recebeu mais de cem prêmios de arquitetura e é, hoje, um darling das principais revistas especializadas do mundo. Pode-se dizer que ele e seu ex-parceiro Marcio Kogan relançaram o Brasil na lista dos grandes arquitetos internacionais, décadas depois do auge com Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Affonso Eduardo Reidy. Feito que ele atribui, sobretudo, à internet.

— Se não fosse a internet, com certeza, isso não aconteceria. O número de pedidos, vindos de tudo que é canto, explodiu de lá

para cá: é entrevista para Copenhague, revista de Israel querendo publicar um projeto, estudando fazendo um trabalho sobre a minha obra — conta Isay, que vive dando palestras pelo mundo e constrói atualmente uma casa no Caribe, duas em Miami e um edifício residencial em Mônaco, fruto de uma competição internacional de arquitetura.

Quais são os seus arquitetos favoritos?

— Morto é a Lina Bo Bardi. Sempre a achei o melhor arquiteto que o Brasil já teve. Eu entro nos lugares dela, uma mulher refinadíssima, e fico profundamente tocado. De fora do Brasil, hoje em dia adoro os japoneses Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, do SANAA (escritório que fez o New Museum, em Nova York), e o português (João Luís) Carrilho da Graça. ●



O PROJETO de Isay para o Fasano, em São Paulo

Tempo de Festas NO SHOPPING LEBLON

ELIS
A musical

De 13/11 a 10/12

Junte R\$1.900 em até 4 comprovantes de compras nos cartões de crédito ou débito e ganhe um par de ingressos* para o espetáculo "Elis - A musical".

Mais informações: www.shoppingleblon.com.br

*Somente um par de ingressos por CPF. Promoção não cumulativa. Exibições exclusivas para clientes Shopping Leblon.

INSPIRADO EM VOCÊ SHOPPINGLEBLON



NA RUA OSCAR FREIRE: teto de mosaico de claraboias na loja da Havaianas

DE SELETIVO A UM CHATO DE GALOCHA

ISAY NÃO NEGA QUE ESCOLHE OS PRÓPRIOS CLIENTES, MAS NÃO POR ARROGÂNCIA

O assunto descamba para a arquitetura brasileira — ou a falta de coisa que o valha atualmente, com base na maioria das construções contemporâneas que se vê nas capitais do país:

— A culpa é dos incorporadores imobiliários, que acham que o arquiteto é um empecilho para o projeto deles. Enquanto eles acharem que o objetivo é só ganhar dinheiro vai continuar como está. Quando começarem a pensar a cidade de outra forma, com mais respeito, e entenderem que dá para ganhar dinheiro deixando alguma coisa boa para outras gerações... Tem que dar oportunidade para os arquitetos mostrarem o trabalho deles.

Dizem que Isay — que lançou na abertura de "A-Z" um livro com seus projetos comerciais (pela mesma editora Bei que publicou os residenciais) e ainda expõe na mostra sofá, fruteira,

bandeja, vaso e um incrível bar sobre rodas — escolhe os clientes, e não vice-versa. Ele não nega.

— Sempre fui muito seletivo. Com o passar dos anos, de seletivo eu virei um chato de galocha. Eu pego o que me interessa. Parece que é uma coisa arrogante, que eu estou selecionando. E é isso mesmo. Mas não é por arrogância. Eu às vezes não me sinto capaz de fazer o trabalho. E não posso pegar qualquer coisa, porque o prazer para mim é fundamental. Como sou presente em cada detalhe, também existe um limite. Tenho um envolvimento pessoal muito grande com o cliente, tem que ter afinidade, é uma relação de dois, três anos — explica. — Respeito muito o que o outro quer e tento fazer o melhor, através do meu olhar. Eu não tento fazer a casa que eu quero para você do meu jeito. Eu vou fazer a sua casa. Só que do meu jeito. ●